

## O FASCISMO DO NOSSO TEMPO\*

## EL FASCISMO DE NUESTRO TIEMPO

## THE FASCISM OF OUR TIMES

DOI: <http://doi.org/10.9771/gmed.v16i3.64656>

Michal Kalecki<sup>1</sup>

[Tradução: Pietro Salles<sup>2</sup>]

[Revisão técnica: Rodrigo Castelo<sup>3</sup>]

**Resumo:** A partir do livro *Selected works of Michal Kalecki: Great War, inflation and fascism* (Obras escolhidas de Michal Kalecki: Grande Guerra, inflação e fascismo), este artigo é uma tradução do inglês para português do capítulo *The fascism of our times*, no qual Michal Kalecki, em 1964, procura identificar os diferentes grupos fascistas da Alemanha, Estados Unidos e França, assim como suas diferenças. Para isso, discute as diferentes estratégias de cada grupo tanto na economia como na política, sem deixar de levar em conta as semelhanças e diferenças com o nazismo da década de 1930. Kalecki também não perde de vista as relações entre as classes dominantes e esses grupos que não são sua primeira escolha para comandar as massas, mas que acabam sendo úteis para reprimir os grupos da esquerda organizada.

**Palavras-chave:** Fascismo. Michal Kalecki. Barry Goldwater. Nazismo. OAS.

**Resumen:** Del libro *Selected works of Michal Kalecki: Great War, inflation and fascism*, este artículo es una traducción del inglés al portugués del capítulo *The fascism of our times*, donde Kalecki, en 1964, busca identificar los diferentes grupos fascistas en Alemania, Estados Unidos y Francia, así como sus diferencias. Para ello, se discutirán las diferentes estrategias de cada grupo tanto en economía como en política, teniendo en cuenta las similitudes y diferencias con el nazismo de la década de 1930. Kalecki tampoco pierde de vista las relaciones entre las clases dominantes y aquellos grupos que no son su primera opción para comandar a las masas, pero que terminan siendo útiles para reprimir a los grupos de la izquierda organizada.

**Palabras clave:** Fascismo. Michal Kalecki. Barry Goldwater. Nazismo. OAS.

**Abstract:** From the book *Selected works of Michal Kalecki: Great War, inflation and fascism*, this article is a translation from English to Portuguese of the chapter *The fascism of our times*, where Kalecki, in 1964, seeks to identify the different fascist groups in Germany, the United States and France, as well as their differences. To this end, it will discuss the different strategies of each group both in economics and politics, while taking into account the similarities and differences with Nazism of the 1930s. Kalecki also does not lose sight of the relations between the ruling classes and those groups that are not his first choice to command the masses, but which end up being useful for repressing the groups of the organized left.

**Keywords:** Fascism. Michal Kalecki. Barry Goldwater. Nazism. OAS.

1. Nos últimos anos, notamos uma atividade fervorosa entre fortes grupos fascistas nos países capitalistas desenvolvidos. Os mais importantes deles são a *Organisation armée secrète* (OAS)\*\* na França, os elementos neonazistas na Alemanha Ocidental e os goldwateristas\*\*\* nos EUA. Todos esses grupos têm as seguintes características em comum:

- a. Em contraste com o nazismo do período da Grande Depressão da década de 1930, eles não recorrem à demagogia social. O goldwaterismo ainda defende a ideologia inversa, criticando a intervenção do governo e proclamando o retorno ao *laissez-faire*.
- b. Eles apelam a elementos reacionários das amplas massas da população por meio de uma variedade de *slogans* racistas ou chauvinistas. Para cada um dos países considerados, esses slogans podem ser facilmente condensados em uma palavra: Argélia, revanche, negros. Os grupos fascistas também proclamam a cruzada anticomunista, capitalizando um longo período de propaganda oficial.
- c. Os elementos fascistas são subsidiados pelos grupos mais reacionários das grandes empresas, que dessa forma geralmente também promovem seus interesses particulares – a defesa de seus investimentos na Argélia, a expansão de certos ramos das indústrias de armamento, etc. Os fascistas também são apoiados por certos grupos nas forças armadas.
- d. A classe dominante como um todo, no entanto, embora não aprecie a ideia de grupos fascistas tomarem o poder, não faz nenhum esforço para suprimi-los e se limita a repreender por excesso de zelo.

Abaixo, tentaremos examinar essas características do fascismo contemporâneo ponto por ponto e, dessa forma, colocá-las na perspectiva adequada.

2. Uma das funções básicas do nazismo era superar a relutância das grandes empresas à intervenção econômica do governo em larga escala. As grandes empresas alemãs concordaram com um desvio dos princípios do *laissez-faire* com um aumento radical do papel do governo na economia nacional – na condição de que a máquina do governo se submetesse ao controle direto em sua parceria com os líderes nazistas. No entanto, o modo puramente capitalista de produção era garantido, direcionando o aumento dos gastos do governo para armamentos e não para investimentos produtivos (o que significaria algum viés em direção ao capitalismo de Estado).

Hoje, a intervenção econômica do governo tornou-se parte integrante do capitalismo “reformado”. Em certo sentido, o preço dessa reforma foi a Segunda Guerra Mundial e o genocídio nazista, que foram o efeito final do pesado rearmamento que inicialmente desempenhou o papel de estimular o crescimento dos negócios.

Assim, o fascismo não é mais a base necessária de um sistema de intervenção governamental. Não pode proclamar a palavra de ordem de eliminação do desemprego em massa porque, nos países capitalistas desenvolvidos, o emprego é mantido a um nível bastante elevado. Pelo contrário, Barry Goldwater, ao exibir uma demagogia racista e da Guerra Fria, sobre a qual mais será dito abaixo, ataca não apenas a

“interferência” do governo na economia, mas até mesmo a seguridade social. É assim que se paga o apoio dos grupos empresariais mais reacionários. E essa também é a razão pela qual ele não tem chance de tomar o poder. (É interessante que nas pesquisas pré-eleitorais, mesmo nos estados do sul, o dobro de pessoas favoreceu os democratas em relação aos republicanos na questão de manter a prosperidade.)

O que todas as correntes fascistas atuais têm em comum com o nazismo é a atitude antissindical, que novamente reflete o vínculo com os grandes grupos empresariais reacionários. Isso será discutido em mais detalhes abaixo.

3. Quem compõe a base de massa do movimento fascista? Goldwater ganhou 40% dos votos; e embora os republicanos tenham sofrido uma derrota esmagadora, ele alcançou um tremendo sucesso.

Em cada um dos países considerados, uma parte diferente da população cede, de acordo com condições específicas, a um *slogan* diferente – cada um dos quais, no entanto, é de caráter racista ou chauvinista. No caso da França, os que cederam incluíam os franceses argelinos e os da metrópole que eram antagônicos aos numerosos imigrantes argelinos. Na Alemanha Ocidental, os ex-nazistas, com algumas coisas a esconder em seu passado, são os candidatos da direita; eles estão interessados em embelezar o hitlerismo, e isso se relaciona muito bem com a ideologia revanchista proclamada de uma forma um pouco mais branda pelo governo. Os reassentados que não organizaram seus assuntos para sua plena satisfação (definitivamente uma minoria) são outro grupo suscetível ao neonazismo. Finalmente, nos EUA, os oponentes da unidade de emancipação negra fornecem recrutas para os grupos reacionários considerados; e isso inclui não apenas os racistas do sul, mas todos aqueles hostis às aspirações negras por empregos atualmente disponíveis apenas para os brancos.

Além disso, em todos os casos, as fileiras fascistas são reforçadas por fanáticos anticomunistas que são o produto de propaganda prolongada espalhada pelos meios de comunicação de massa.

Vale a pena notar aqui a analogia entre a França e os EUA: em ambos os casos, a principal força motriz do movimento fascista é a potencial emancipação das nações oprimidas, ou descolonização em sentido amplo. A variedade alemã do fascismo é diferente, embora mesmo neste caso a noção de *Herrenvolk*\*\*\*\* possa ser encontrada em suas raízes.

4. As informações sobre os grupos capitalistas que apoiam as correntes fascistas são, é claro, muito incompletas. Na França, isso sem dúvida incluíam grupos que tinham investido pesadamente na Argélia, embora eles certamente não fossem os únicos simpatizantes da OAS.

Nos EUA, os interesses petrolíferos no Texas, as indústrias de armamento do Ocidente e o Bank of America, também muito ativo lá, são alguns dos principais grupos. Todas são empresas “jovens” e “dinâmicas”. Eles não estão particularmente preocupados com as depressões econômicas porque não apenas pensam que sobreviverão a elas, mas que aumentarão suas posses às custas dos “velhos” grupos capitalistas. Ao mesmo tempo, os petroleiros do Texas têm medo de perder os privilégios fiscais especiais

de que gozam, e as indústrias de armamento têm medo de um abrandamento da Guerra Fria – daí a sua aversão à intervenção do governo e à doutrina da coexistência.

Deve-se notar que esses grupos capitalistas são muito menos “experientes” do que os antigos governantes dos EUA que, após um período de oposição ao *New Deal*, finalmente entenderam as inadequações do capitalismo *laissez-faire*. E por último, mas não menos importante: o poder político dos iniciantes não corresponde atualmente ao seu peso financeiro e, portanto, eles estão se esforçando para criar um governo no qual serão os acionistas controladores.

São eles que permeiam seus agentes políticos, como Goldwater, com o espírito de resistência à intervenção do governo, incluindo a seguridade social. Eles são os mais jovens da oligarquia capitalista e, paradoxalmente, apenas por esse motivo, o grupo mais anacrônico. Eles não podem vencer, mas também não perdem, pois desempenham, juntamente com seus mercenários, uma função definida no capitalismo atual.

Os grupos fascistas têm outro protetor importante. Esses são os membros “raivosos” da instituição militar que adoram o jogo de se equilibrar à beira de um precipício – se não à beira de uma guerra preventiva. Eles são, de certa forma, a contraparte dos grupos empresariais “predatórios” e estão frequentemente ligados entre si. É provável, no entanto, que o peso dos membros “irados” das forças armadas seja maior do que o dos grupos “predatórios” da classe dominante.

5. Seria uma simplificação muito grosseira sustentar que apenas os “novatos” ou alguns outros grupos específicos de grandes empresas apoiam os movimentos fascistas. Os limites não são de forma alguma tão nitidamente traçados. É muito provável que muitas empresas apoiem financeiramente os políticos oficiais da classe dominante, bem como os adeptos menos respeitáveis do fascismo. Este, por sua vez, é apenas um aspecto de um fenômeno mais amplo: a maioria da classe dominante não gosta da ideia dos fascistas tomarem o poder, mas ao mesmo tempo não deseja esmagá-los. O fascismo do nosso tempo é um cão na coleira; pode ser libertado a qualquer momento para alcançar objetivos definidos e, mesmo quando preso na coleira, serve para intimidar a oposição em potencial.

Lembremos, a este respeito, o papel da OAS na guerra da Argélia, aquela organização terrorista ilegal que tinha “infiltrados” em todos os escritórios do governo e que não era de forma alguma perseguida pelo governo – na verdade, era utilizada como um chicote contra os rebeldes argelinos e a oposição interna à guerra. Após a conclusão dos Acordos de Évian\*\*\*\*, a atividade da OAS naturalmente diminuiu, uma vez que os franceses na Argélia já estavam impotentes e os repatriados se estabeleceram na França em condições muito favoráveis. Mas os adeptos da OAS provavelmente conseguiram sobreviver no Partido Gaullista e no *establishment* do governo, especialmente nas forças armadas. A ameaça dessa alternativa ao atual governo tem algum impacto sobre a situação política: o governo pode ser entendido como mantendo um cão bravo na coleira.

Uma dualidade semelhante é constatada na Alemanha Ocidental. Embora o governo negue qualquer afinidade com o nazismo e os julgamentos de criminosos de guerra ocorram de tempos em tempos,

ex-nazistas que dificilmente foram “reeducados” ocupam cargos administrativos importantes, especialmente nas forças armadas. Na propaganda da revanche, os grupos fascistas exibem, como dito acima, visões muito mais extremas do que os representantes do governo, que de forma alguma os consideram embaraçosos. Ao mesmo tempo, a política do cão na coleira, que é bastante longa, torna-se útil ao extinguir qualquer vislumbre de resistência à política oficial da Guerra Fria, a saber, a da revanche e do militarismo.

Um fenômeno análogo pode ser observado nos EUA. Parece bastante certo que, após o assassinato de John Kennedy, o governo teria sido capaz de desferir um golpe mortal nos extremistas de direita. Mas a maneira de conduzir a investigação, conforme apresentada no relatório da Comissão Warren, mostra a tendência contrária de evitar implicar qualquer um, exceto Oswald – que, entretanto, foi eliminado com sucesso. É nesse estado de ilegalidade que se encontra a origem da candidatura de Goldwater. Por sua vez, essa candidatura não foi muito firmemente contestada dentro do Partido Republicano, pois era diretamente controlada pelas grandes empresas. O comportamento de Eisenhower, que nunca tendia ao extremismo de direita, é bastante significativo aqui.

Goldwater está certo, pelo menos no sentido de que este não é o fim de sua carreira. Porque o goldwaterismo é requerido pela classe dominante como um grupo de pressão contra um relaxamento excessivo das tensões internacionais e para conter o movimento negro. Goldwater existirá não apenas por causa do apoio dos grupos “predatórios” das grandes empresas e dos elementos “raivosos” da máquina dos militares, bem como de seus seguidores racistas e reacionários, mas acima de tudo porque ele será salvo daqueles para quem perdeu.

---

### Notas

\* (N.do E.) A presente versão do artigo foi traduzida da publicada em *Selected works of Michael Kalecki: great war, inflation and fascism*, p.127-134, ed. Huebunkers. A primeira aparição do texto foi em *Polityka*, 8/46, 1964, com o título original *Faszyzm naszych czasów*, reproduzido em Michal Kalecki, *Z ostatniej fazy przemian kapitalizmu*, p.43-50. A versão em espanhol, publicada na revista [Trimestre económico, v.87, n.348, p.1175-1188, 2020](#), foi consultada para dirimir algumas dúvidas.

<sup>1</sup> Michal Kalecki (1899-1970) foi um dos maiores economistas do século XX. Nascido em Lodz, cidade industrial na Polônia, desde os primeiros passos como economista se filiou aos ideários do marxismo e do socialismo. Parte da sua carreira se desenvolveu como professor e pesquisador em universidades na Suécia, Inglaterra e Estados Unidos. No final da sua vida, retornou à Polônia para trabalhar na Comissão de Planejamento e dar aulas e fazer pesquisas. Morre em 1970 na capital Varsóvia. Seus estudos versam sobre diversos temas, como investimento, crises capitalistas, ciclos econômicos, inflação, conflito distributivo, subdesenvolvimento, incluindo temáticas políticas do Estado e lutas de classes. No Brasil, alguns dos seus principais ensaios foram publicados nas coleções *Os pensadores* e *Os economistas*.

<sup>2</sup> Graduado em História. Graduando em Serviço Social na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7135962126526144>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1558-7487>. E-mail: [pietro\\_salles@hotmail.com](mailto:pietro_salles@hotmail.com).

<sup>3</sup> Doutor em Serviço Social. Professor da Escola de Serviço Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Unirio) e um dos editores da revista *Germinar: marxismo e educação em debate*. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9080597950497381>. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-8927-1055>. E-mail: [rodrigo.castelo@unirio.br](mailto:rodrigo.castelo@unirio.br).

\*\* (N.T.) Organização Armada Secreta, ou como é chamada em francês *Organisation armée secrète*, começou como um grupo paramilitar de extrema direita que combateu a Frente de Libertação Nacional (FLN) durante a Guerra da Independência da Argélia. A OAS conta com apoiadores franceses até os dias atuais.

---

\*\*\* (N.T.) Goldwaterismo é o movimento de extrema direita associado ao político estadunidense, senador do Partido Republicano, Barry Goldwater (1909-1998). Em 1964, ano em que Kalecki publicou o texto, Goldwater estava concorrendo à presidência dos Estados Unidos contra o democrata Lyndon B. Johnson. Mobilizou uma grande campanha conservadora, apesar de sua derrota nas eleições.

\*\*\*\* (N.T.) Na ditadura nazista, o termo se referia a uma suposta “raça ariana superior”, ideologia racista que visava embasar o colonialismo alemão.

\*\*\*\*\* (N.T.) Os Acordos de Évian foram assinados em 1962 entre França e Argélia como um amplo tratado, que propunha o cessar-fogo na guerra colonialista promovida pela nação europeia no continente africano, que levou a morte de mais de um milhão de argelinos, e o reconhecimento da independência da Argélia no mesmo ano, dentre outros pontos.

Recebido em: 25 de nov. 2024

Aprovado em: 25 de nov. 2024